



FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

CELUTA DOS SANTOS ROSA MOREIRA

REZAS E BENZEDEIRAS: CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES TRADICIONAIS
KALUNGA PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Planaltina – DF

2015

CELUTA DOS SANTOS ROSA MOREIRA

**REZAS E BENZEDEIRAS: CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES TRADICIONAIS
KALUNGA PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área Ciências Da Natureza e Matemática.

Orientadora: Profa. MS. SEVERINA ALVES DE ALMEIDA SISSI.

Planaltina – DF

2015

AGRADECIMENTOS

Em especial, quero agradecer à Deus, à minha querida mãezinha Alessandra dos Santos Rosa e ao meu avô Laurindo dos Santos Rosa, que me ajudaram muito. Tudo que tenho hoje foi através deles, senão eu não teria chegado a lugar algum. Trabalharam de sol a sol, com as mãos calejadas e eu me sinto muito gratificada com tudo isso.

Tenho um imenso carinho pelas pessoas que me receberam muito bem na Escola Municipal Extensão Kalunga II, Eliana Pereira Guimarães (Ex-diretora da Gestão Escolar), Lindalva (Diretora atual), Luciene dos Santos Rosa (ex-professora e estudante na LEdoC 8), Cátia Fernandes (professora de Matemática), Nilza Santos (Merendeira) e também todos os alunos que contribuíram bastante com a minha formação.

Agradeço muito de coração a minha querida orientadora Severina Alves de Almeida SISSI, (professora da FUP-UNB Planaltina DF), pela paciência, pelo carinho, pelo amor, pela força enfim por tudo que fez por mim. Agradeço aos senhores Anselmo Dias Pereira, Deusdete da Silva Santiago, Laurindo dos Santos Rosa e seu Jonas Rodrigues de Araújo e a professora Raylene Avelino pelas orientações, pois não mediram esforços para me ajudar, demonstraram muita paciência, carisma e boa vontade diante da elaboração da minha pesquisa.

E por final, não posso esquecer de agradecer algumas pessoas muito queridas que me ajudaram e me deram muita força para vencer esta batalha: Meu esposo Rauf, minha filha Stefanny, minhas primas Ana Lina silva (LEdoC5) e Maria Silva (Ledoc5), minha irmã Enilde Rosa, minha comadre Ana Paula Lopes (LEdoC 5), meus queridos colegas da turma Zumbí dos palmares (turma 5) e também minha querida professora Juliana Andréa (FUP-UNB). A todos, meus sinceros agradecimentos.

DEDICATÓRIA

Dedico este meu trabalho a minha querida mãe Alexandra dos Santos Rosa, pela força, pelo carinho, companheirismo, auxílio e suporte, quando me fez acreditar que sou capaz e com isso me fez conseguir vencer e alcançar os meus objetivos.

-

EPIÍGRAFE

**Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe
tudo. Todos nos sabemos alguma coisa.
Todos nos ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.**

Paulo Freire

LISTA DE SIGLAS

CONAE – Conferencia Nacional de Educação

FUP- Faculdade da UnB de Planaltina

GO- Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

LDB – Lei de Diretrizes e Base

LEdoC- Licenciatura em Educação do Campo

MST – Movimento Sem Terra

OIT – Organização Internacional do Trabalho

SHK- Sítio Histórico Kalunga

TO- Tocantins

UNB- Universidade de Brasília

CELUTA DOS SANTOS ROSA MOREIRA

**REZAS E BENZEDEIRAS: CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES TRADICIONAIS
KALUNGA PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.**

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Doutoranda Severina Alves de Almeida (Orientadora)

Juliana Andréa Batista (Examinadora)

Ana Cristina Araújo (Examinadora)

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

- 1.1. Justificativa
- 1.2. Objetivos
 - 1.2.1. Objetivo Geral
 - 1.2.2. Objetivos Específicos
- 1.3. Procedimentos Metodológicos
 - 3.1. Pesquisa Bibliográfica
 - 3.2. Pesquisa Documental
 - 3.3. Pesquisa Etnográfica
 - 3.3. Estudo de caso Etnográfico
 - 3.4. Pesquisa de Campo
 - 3.4. Método
 - 3.5. Contexto da Pesquisa
 - 3.1.5. O estado de Goiás¹
 - 3.1.6. Histórico do Município de Monte Alegre
 - 3.1.7. Descrever a comunidade

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO PARA OS POVOS DO CAMPO NO BRASIL

- 2.1. Educação do Campo: aspectos conceituais e históricos
- 2.2. Licenciatura em Educação do Campo FUP-UnB
 - 1.2.1. Pedagogia da Alternância
 - 1.2.2. Ciranda
 - 1.2. Educação Quilombola

CAPÍTULO III

SABERES TRADICIONAIS KALUNGA: AS BENZEDEIRAS E OS BENZIMENTOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

- 3.1. Saberes Tradicionais Kalunga
- 3.2. As Benzedeadas, as Rezas e os Benzimentos na comunidade Tinguizal
 - 3.2.1. Benzedeadas(o)s
 - 3.2.2. Rezas e Benzimentos
- 3.3. Contribuições dos Saberes Tradicionais para a Educação do Campo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

RESUMO

O Presente trabalho tem como objetivo principal identificar os rituais realizados ao longo dos anos pelos moradores da Comunidade Kalunga, em especial pelas benzedeiças da comunidade Kalunga Tinguizal e as possíveis contribuições de seus ritos para a Educação do Campo. O intuito é perceber como todo o conhecimento acerca destes costumes, mitos e tradições quilombolas podem ser utilizados nas práticas da Educação do Campo. Apresentamos, também, como muitas dessas tradições foram se esvaindo, mas comparecendo também o outro lado da história: A persistência de muitos dos moradores da comunidade, em reforçar a continuação de certos benzimentos e usos medicinais, passados por seus ancestrais para as novas gerações, no sentido de perpetuar tais ritos. A metodologia que orientou a pesquisa foi do teor qualitativo e etnográfico, com pesquisa de campo e entrevistas com moradores da comunidade o que permitiu chegar ao objetivo desejado. Os resultados permitem afirmar que a comunidade mantém viva tradições e costumes muito importantes para a preservação dos Kalunga e que estes se apresentam mesmo como um patrimônio cultural de um Brasil que precisamos preservar.

Palavras chave: Rituais, Mitos, Benzimentos, Ancestrais, Educação do Campo.

ABSTRACT

The present work aims to identify the rituals performed over the years by the residents of the Kalunga Community, especially the healers of Kalunga Tinguizal community and the possible contributions of their rites for the Rural Education. The aim is to see how all the knowledge about these customs, myths and traditions Maroons can be used in the practice of Rural Education. Here, too, as many of these traditions were fading, but also attending the other side of the story: The persistence of many of the residents of the community, to strengthen the continuation of certain benzimentos and medical, passed by their ancestors to the new generations, in order to perpetuate such rites. The methodology that guided the research was qualitative and ethnographic content with field research and interviews with residents of the community which allowed reach the desired goal. The results allow us to affirm that the community keeps alive traditions and customs very important for the preservation of Kalunga and they are even presented as a cultural heritage of a Brazil that we need to preserve.

Keywords: Rituals, Myths, Benzimentos, Ancestors, Rural Education.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é parte da experiência vivenciada junto às comunidades Kalunga, além do contato junto aos camponeses do seu entorno. Estes povoados estão localizados nas proximidades dos municípios de Monte Alegre de Goiás-GO, Teresina-GO e Cavalcante-GO. O envolvimento cotidiano com os hábitos, costumes e estórias desse povo, é perceptível na sabedoria e cultura tradicional dos Kalunga, seus saberes e crenças.

Nesse sentido, é objeto do estudo, o cotidiano da comunidade Kalunga do Tinguizal, buscando perceber as representações e práticas dos conhecimentos advindos por parte das benzedeadas, atuando onde forem requisitadas, através do uso de raízes e ervas, além da sabedoria que é fruto da vivência com seus antepassados.

A pesquisa busca, ademais, identificar as contribuições das benzedeadas da comunidade Kalunga Tinguizal e para a Educação do Campo, enfatizando a representatividade das crenças e costumes quilombolas, e como estes podem ser utilizados nas práticas da Educação do Campo.

Portanto, o foco desse trabalho corresponde à abordagem da história e características socioculturais de comunidades remanescentes de quilombolas, em que foi escolhida a comunidade Kalunga Tinguizal, tendo como foco principal a educação nesse povoado, estudando o ambiente da escola e a dimensão política e cultural. O contato direto com a comunidade me permitiu o conhecimento e experiência de presenciar a praticidade das rezas. As pessoas da comunidade exploram as práticas religiosas para manifestação das rezas; as experiências e conhecimentos das benzedeadas e sua atuação no âmbito da comunidade.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A importância da pesquisa científica é vista e notada através da investigação científica e os métodos utilizados nesta pesquisa.

É evidente que o método científico permite ao seu usuário a elaboração conceitual da realidade que se deseja verdadeira e impessoal, apresentando um caráter provisório, uma vez que pode ser continuamente testado, enriquecido e reformulado.

A intenção é possibilitar uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. Nesse caso, a vida cotidiana das poucas benzedadeiras que resistiram o tempo, repassando seus rituais e crenças a jovens que possuem na grande maioria das vezes uma mente voltada para as tecnologias da atualidade.

1.1. Justificativa

A importância de se conhecer a origem de nossa história, nos leva em muitos aspectos à busca constante de informações que, em alguns casos, já se encontram omissos ou esquecidos na memória dos mais velhos, que não detém mais as lembranças que se apresentam como um fator de extrema veracidade. Nesse sentido, faz-se necessário levantar dados dos poucos moradores que ainda residem na Comunidade Kalunga e que servem de verdadeiros acervos de conhecimento e cultura na conservação de atos e costumes que enriqueceram essa localidade a ponto de ser reconhecida nacionalmente.

Outro fator de bastante relevância que mais me motivou a escolher este tema foi o fato do meu avô, Laurindo, ser um grande rezador dentro da comunidade, uma vez que a reza e o benzimento são tradições muito reconhecidas. São atividades que fazem parte da cultura quilombola, repassadas na fase adulta para tantos jovens que, levados pelo surgimento das tecnologias, ou mesmo por omissão desta origem, insistem em desfazer e desacreditar destes ritos e costumes, fazendo com que os mesmos sejam desvalorizados no meio cultural destes moradores, ficando apenas na memória dos que ainda, neste período, conviveram com tão importantes ancestrais.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Estudar, discutir e analisar as rezas e, por conseguinte as benzedeadas, do/no território Kalunga, Comunidade Tinguizal, identificando suas contribuições para a Educação do Campo.

1.2.2. Objetivos Específicos

Apresentar o histórico e a origem das tradições quilombolas, em particular as crenças da comunidade, exemplificadas na devoção e nos festejos.

- ✓ Identificar **quem são as Benzedeadas e quais Rezas** utilizam em seu ofício na comunidade, vistas na concepção dos Saberes Tradicionais.
- ✓ **Conceituar e descrever a Educação do Campo** e sua importância na formação quilombola.
- ✓ Possibilitar a escola e a comunidade cada vez mais a busca por essa cultura, intensificando e fortalecendo as raízes deste povo

1.3. Procedimentos metodológicos

A Pesquisa de teor qualitativo se realizou na Comunidade Kalunga Tinguizal, Monte Alegre GO, numa ação coordenada entre a comunidade e a Escola Municipal Tinguizal Extensão Kalunga II, mediante os seguintes procedimentos:

1.3.1. Pesquisa Bibliográfica: levantamento do estado da arte das teorias que serviram como sustentação para a análise e discussão dos dados.

1.3.2. Pesquisa Documental: análise em fontes de arquivos e documentados, acerca da Educação do Campo; Educação Quilombola; Os Kalunga; Comunidade Tinguizal; Festas e Rezas tradicionais Kalunga; Benzedeadas.

1.3.3. Pesquisa Etnográfica: Por ser um trabalho desenvolvido numa comunidade com aspectos socioculturais muito específicos e por sua tradição quilombola, a pesquisa se situa no campo da Etnografia, pesquisa qualitativa por excelência.

1.3.3. Estudo de caso Etnográfico: É um tipo de pesquisa com abordagem qualitativa e/ou interpretativa, que busca compreender e retratar a particularidade e a complexidade de um grupo natural ou microcultura, a partir dos significados subjetivos de

seus atores, coletados em seu contexto ecológico, por meio de observação participante, entrevistas e narrativas escritas (MARTUCCI, 2001).

1.3.4. Pesquisa de Campo: Se realizou em uma Comunidade Kalunga Tinguizal, e na escola, mediante os procedimentos de coletas de dados com entrevistas e aplicação de questionários, além de acervos de estudiosos do assunto em foco, mais precisamente acerca da cultura quilombola, religiosidade e rezas. O alcance da pesquisa busca, por uma análise de documentos com fontes textuais precisas, além de acervos literários e publicações em artigos científicos, que discutem as rezas e benzedeadas, bem como resultados voltados à história da comunidade Kalunga.

1.4. Método

Nesta pesquisa indago, fundamentalmente, as contribuições das manifestações culturais o caráter educativo das manifestações culturais dos saberes tradicionais na comunidade Kalunga para com a Educação do Campo, ou seja, seu caráter educativo. Nesta temática, torna-se necessário explicar os teores pedagógicos presentes nestes saberes, ritos e rituais.

O procedimento metodológico desta pesquisa situa-se no âmbito da pesquisa qualitativa, associada com a pesquisa do tipo etnográfica, isso, pelo fato de valorizar o conhecimento, o saber do outro, na qual possibilita a interação entre os sujeitos expostos na pesquisa.

Os procedimentos etnográficos pertinentes na pesquisa visualizam-se no emprego relativo ao contexto social da mesma, na qual se preocupa em revelar as interações relativas dos agentes sociais, valendo-se da flexibilidade e da descrição. Busco adentrar no trabalho de campo e no contexto social da pesquisa, preocupando-me em revelar as relações e interações significativas dos agentes sociais, valendo-me da flexibilidade no momento de pesquisar, da descrição, podendo assim observar os modos de vida, as rotinas dos saberes populares, por meio de entrevistas, depoimentos e imagens.

Conforme (BOTH E LOPES, 2009, p. 43) “O sujeito da pesquisa é um observador que se mostra presente e dialoga com os leitores sobre todas as suas escolhas. Os critérios são construídos e discutidos no texto pela autora ao longo da construção da dissertação”.

Foi realizada uma pesquisa documental em livros, revistas, arquivos e documentários disponíveis na comunidade, como exemplo o surgimento da comunidade Kalunga, além de outras obras de pesquisa em alguns textos disponíveis na internet, recentes sobre o tema. Utilização de dados estatísticos, quantidade de materiais e trabalhos

já feitos no local, opiniões dos entrevistados, dentre outros serviram para confirmar os principais pontos discutidos ao longo do trabalho.

- 1- Pesquisa exploratória (ampliar, interrogar sobre rezas e benzimentos);
- 2- Pesquisa de campo com estudo de caso etnográfico;
- 3- Inserção na escola para observar se os professores tem acesso e se utilizam esses materiais;
5. Levar pessoas da comunidade para revelar seus saberes tradicionais para os estudantes;
6. Registro das visitas (fotos, entrevistas, vídeos, gravação de voz) com pesquisas, questionamentos nas diversas comunidades Kalungas, em especial na Comunidade Tinguizal.

1.3.5. Contexto da Pesquisa

Em busca de elucidar acerca da Educação do/no Campo, mais precisamente aos camponeses dos assentamentos e comunidade Kalunga Tinguizal, a fim de registrar, a caracterização de seus costumes e hábitos, associados às suas crenças e modelos tradicionais de vida, bem como para compreender o contexto, a realidade e os saberes culturais que perpassa no campo, faz-se necessário levantar dados históricos desta comunidade, buscando enfatizar a relevância da educação do campo a partir da realidade estudada.

A história da comunidade Kalunga perpassa pela escravatura brasileira, durante o período colonial, caracterizado pela exploração do trabalho árduo e penoso, na qual os negros trazidos da África serviam para a exploração humana. Diante disso, sabe-se que a comunidade Kalunga é um remanescente quilombola, descendência de um povo fugitivo, escravizado na mineração aurífera na região de Goiás. Assim começa a história da comunidade Kalunga, remanescente quilombola. (OLIVEIRA, 2001, p. 9).

Na história da formação brasileira desde o período colonial até a proclamação da República, é sabido da trajetória do negro, e nesse aspecto histórico, o povo Kalunga, “originalmente é formado por descendentes de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo, há muito tempo atrás, num dos lugares mais bonitos do Brasil, a região da Chapada dos Veadeiros, no norte de Goiás”. (OLIVEIRA, 2001, p. 9).

Nesse sentido, o livro “Uma história do povo Kalunga” ressalta que os escravos:

[...] eram presos no tronco pelos pés e as mãos. Amarrados no pelourinho apanhavam com o chicote molhado que lanhava suas costas. E a palmatória cantava, batendo em suas mãos. Os mais velhos ouviram até mesmo contar que, quando um escravo fugia e o senhor pegava de volta, costumava queimar os pés dele com gordura quente, para não poder mais fugir. (OLIVEIRA, 2001, p. 21),

O quilombo Kalunga teve sua formação a partir das fugas dos negros, na busca da liberdade, pois, os mesmos viviam em situações deploráveis, desumanamente castigados por uma supremacia branca colonizadora, inferiorizados pela sua estética afro, tratados como indigentes, sob correções nos acoites, chibatadas e troncos. Mediante a realidade a qual vivenciavam, os mesmos traçaram seus destinos e buscaram novos caminhos por meio das fugas, refugiando-se, assim, em lugares de difícil acesso e distantes dos olhares dos feitores.

Segundo Aguiar:

O quilombo do Sítio Histórico Kalunga (SHK), assim como áreas de quilombos existentes no Brasil, é representante de uma das maiores expressões de luta – especialmente pela terra – organizada no país, que resiste ao sistema colonial-escravista, além de atuar sobre questões estruturais, nos diversos períodos histórico-culturais brasileiros, orientada e liderada por africanos escravizados e seus descendentes nascidos no Brasil. (AGUIAR, 2011, p. 1).

A comunidade Kalunga foi reconhecida oficialmente em 1991 pelo governo do Estado de Goiás, como patrimônio histórico cultural. A mesma se subdivide em pequenos agrupamentos situados nos limites dos municípios de Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás, Cavalcante – GO e Arraias - TO.

[...] segundo dados espaciais fornecidos pela Superintendência de Geologia e Mineração do Estado de Goiás, conta com uma área superior aos 230.000 hectares está localizado na região Norte do Estado de Goiás, região centro-oeste do Brasil, e se insere nos municípios de Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás e Cavalcante (AGUIAR, 2001, p. 2).



Figura 1. Mapa do Brasil com destaque ao Estado de Goiás²

1.3.1.5. O estado de Goiás³

Os registros históricos mais antigos encontrados na região do atual estado de Goiás, foram datados de cerca de 11 mil anos atrás, o que indica que a ocupação humana na área iniciou-se há milhares de anos. Grande parte dos sítios arqueológicos presentes no estado está situada em [Serranópolis](#), [Caiapônia](#) e na Bacia do Paranã, abrigados em rochosos de arenito e quartzito, além de grutas de maciços calcários. Além destes, há fortes indícios de ocupação pré-histórica nos municípios de [Uruaçu](#) e [Niquelândia](#) que, juntos, abrigam abundante material lítico do homem pré-histórico, conhecido como "homem Paranaíba".

Por conseguinte, o "homem Paranaíba" é tido como o primeiro representante humano que viveu na área, pertencente ao grupo caçador-coletor. Outro grupo caçador-coletor que viveu na região foi o da "Fase Serranópolis", cujo comportamento foi influenciado por mudanças climáticas, o que fez com que este passasse a se alimentar de moluscos terrestres e dulcícolas, além de uma quantidade maior de frutos. Populações ceramistas também ocuparam o território goiano, em uma época em que o clima e a vegetação eram, supostamente, semelhantes aos atuais. Estas populações ceramistas viveram há cerca de dois mil anos, e eram divididos em: Una, Aratu, Uru e Tupi-Guarani⁴.

² Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiás>. Acesso 25-nov-2015.

³ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiás>. Acesso 25-nov-2015.

⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiás>. Acesso 25-nov-2015.

A tradição Una, a mais antiga, habitava abrigos e grutas naturais. Alimentavam-se sobretudo de vegetais, e cultivavam milho, cabaça, amendoim, abóbora e algodão. Também foram responsáveis pelo desenvolvimento da tecnologia da produção de vasilhames cerâmicos. Os Aratus habitavam grandes agrupamentos, situados em ambientes abertos, principalmente em matas próximas a rios ou riachos. São os primeiros aldeões conhecidos. Assim como os Una, cultivavam milho, feijão e algodão. Eram responsáveis pela produção de vasilhames cerâmicos de diferentes tamanhos e, confeccionavam rodela de fusos, utilizados na fiação do algodão, dentre outros artefatos oriundos da manipulação da argila. Já a população da tradição Uru só veio chegar ao território do atual Estado, muito tempo após os Aratus. Sua passagem pela pré-história goiana tornou-se conhecida através dos sítios arqueológicos localizados no vale do Rio Araguaia e seus afluentes, datados do século XII. A mais recente das populações, os Tupi-guarani, é datada de 600 anos atrás. Estes viviam em aldeias populosas, dispersas na bacia do Alto Araguaia e na bacia do Tocantins⁵.



Figura 2. Mapa do Estado de Goiás com destaque para o município de Monte Alegre⁶.

⁵ GOIAS - Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiás>. Acesso 25-nov-2015.

⁶ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiás>. Acesso 25-nov-2015.

3.1.6. Histórico do Município de Monte Alegre⁷

Até 1905, o distrito de Chapéu, antigo nome de Monte Alegre de Goiás, pertencia ao Termo de [Arrayas](#). Em 1906, o Distrito foi elevado à Vila por meio da Lei nº 271, de 4 de julho de 1906, sancionada pelo presidente do Estado de Goyaz, Miguel da Rocha Lima, que possui a seguinte redação: "Faço saber que o Congresso decretou e eu sanciono a seguinte lei: Art. 1º - Fica elevado à categoria de Villa, com a mesma denominação, o arraial do Chapéu, que constituirá um município com o distrito de Campos Bellos."

Apesar de o IBGE informar que o Chapéu foi elevado à categoria de Município em 1947, o Semanário Oficial publicou em 5 de outubro de 1906, cópia da Ata de instalação do município, cujo trecho segue transcrito, respeitada a grafia original:

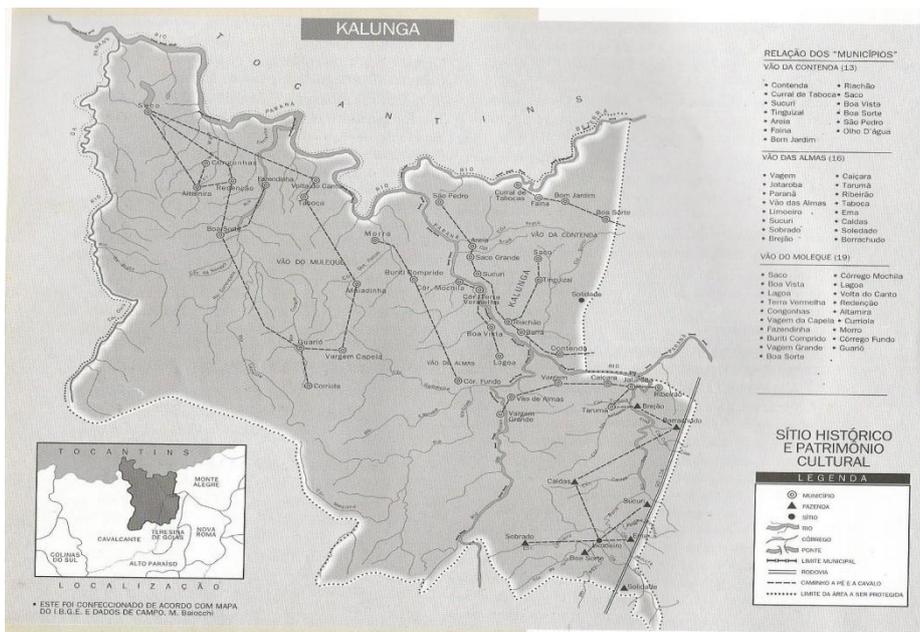
Paço do Conselho Provisório do Município do Chapéu, em 7 de agosto de 1906. Exmo. Sr. coronel Miguel da Rocha Lima, Presidente do Estado. O Conselho abaixo assinado tem a honra de remeter a V. Exma. a cópia da ata de instalação deste município, que teve lugar no dia de hoje, em sessão solene. [...] O sr. Presidente, com a palavra, fundamentou o motivo desta sessão e depois de serem lidos a lei n. 271, de 4 de julho próximo findo e o decreto n. 1704 de 16 do mesmo mês, o Sr. presidente levantou-se e pronunciou as seguintes palavras: "Está instalado o município do Chapéu", depois de que levantou a sessão por 15 minutos, para a confecção desta ata⁸.

A Ata é assinada pelo presidente do Conselho, Paulo Ignácio de Macedo, tendo como secretário, Francisco Antônio de Oliveira. A frase a seguir não foi modificada em respeito ao seu criador e às informações constantes no site do IBGE. A cidade foi elevada à categoria de município com a denominação de Chapéu em 1947 sendo renomeado em 1953 para a denominação atual.

1.7. A Comunidade KalungaTinguizal

A fazenda Tinguizal situa se na comunidade Kalunga cerca de 70 km da cidade de Monte Alegre Goiás, onde moram 39 famílias que sobrevivem do que plantam na roça, tais como a mandioca para fazer a farinha para alimentar ou ate mesmo para vender e comprar outros complementos; o arroz, a abobora, o gergelin, o milho. etc.

⁸ Fonte: GOIAS - Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiás>. Acesso 25-nov-2015.



Mapa 3. Em destaque a Fazenda Tinguizal⁹.

Para chegar à comunidade a estrada é de chão e são os caminhões e caminhonetes que transportam as pessoas. Atualmente estão surgindo muitos motos na comunidade, mas nem todo mundo tem condições de comprar. O território possui muitas serras com lugares perigosos - cerca de 3 km só de subida – onde os motoristas só deixam as compras dos moradores em cima dos caminhões, levando essas a subirem a pé, inclusive mulheres com crianças e as vezes também pessoas idosas.

Essa fazenda surgiu através de pessoas que fugiram da escravidão e se esconderam nos locais mais isolados para que não encontrassem. Seu Laurindo, que antes morava com seus pais no Vão de Almas, quando se casou, foi morar no Tinguizal. Ele conta que antigamente as coisas eram bem mais difíceis, pois fazia a farinha e colocava no lombo do burro e ia para a cidade trocar por comida. Por vezes nem conseguia trocar, e essas viagens duravam três dias para ir e três dias para voltar. Ele também conta que, quando uma pessoa ficava doente, eles colocam na rede e subiam e desciam serras para tentar levar para a cidade a procura de socorro. Eles davam o remédio do mato, mas quando não tinha jeito precisava que levar para a cidade. Hoje as coisas ainda estão difíceis, mas já está bem melhor.

As crianças têm acesso a uma escola muito boa e bem estruturada. Antigamente as crianças só trabalhavam e não tinham acesso á escola. Observa-se que a maioria dos mais velhos que moram na comunidade, são analfabetos devido ao acesso que não tinham. As vezes não tinham o que comer, saiam na mata a procura do que levar para casa para comer.

⁹ Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. <https://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso 25-nov-2015.

Era tudo muito triste. Mas hoje a situação ainda anda precária, porém está melhor, devido ao acesso à educação e à saúde, o que é bastante gratificante.



Foto 1. Escola Municipal Tinguizal Extensão Kalunga II.

A Escola Municipal Tinguizal Extensão Kalunga II é uma escola que atende do primeiro ano do Ensino Fundamental até o nono ano, 1º ao 5º da sede municipal e o 6º ao 9º da sede estadual. A escola inicialmente era de pau a pique e todos estudavam juntos, as crianças se respeitavam uns aos outros, as brincadeiras eram com bolas feitas de saco, pular cordas, brincadeiras de rodas e entre outras. O professor era somente um para todas as turmas, mas com o passar do tempo um morador da comunidade doou um pedaço de terra para a construção de uma nova escola que foi construída pelo exército. Em pouco tempo foi construída e hoje está atendendo as necessidades dos alunos. É uma escola bem estruturada com energia elétrica, *internet*, com telhas, piso e alojamentos para professores.



Foto 2: Alunos da Escola Municipal Extensão Kalunga II.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO PARA OS POVOS DO CAMPO NO BRASIL

A Educação do Campo mostra a necessidade de partir de aspectos da realidade local, ao problematizar os conteúdos das disciplinas de acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de cada Estado, desde as experiências cotidianas dos educandos, considerando que possuem uma história de vida, de cultura, de relação social e de interação com a natureza. A educação do campo tem sido historicamente marginalizada na construção de políticas públicas.

Tratada como política compensatória, suas demandas e sua especificidade raramente tem sido objeto de pesquisa no espaço da academia e na formulação de currículos nos diferentes níveis e modalidades de ensino. A educação para os povos do campo é trabalhada a partir de um currículo essencialmente urbano e, quase sempre, deslocado das necessidades e da realidade do campo. Daí a constante necessidade de discutir a educação do campo e, em especial as experiências que a norteiam.

2.1. Educação do Campo: aspectos conceituais e históricos

É imprescindível falar sobre educação para o campo sem mencionarmos a grande professora e diretora do Centro Transdisciplinar de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural da Universidade de Brasília (UnB, Monica Molina – que enfatiza que, além da infraestrutura, do acesso e da formação, há outros pilares que precisam ser priorizados se tratando de Educação para o campo.

Molina defende que o ensino rural englobe não somente os saberes universalmente produzidos, mas contemple o conhecimento local, dos meios de produção e das comunidades nas quais as escolas estão inseridas. A professora defende um currículo que privilegie a permanência dos estudantes no ambiente rural e voltado à agroecologia e à sustentabilidade.

Assim afirma

a modalidade tem de contemplar a aprendizagem de saberes universais e sobre o local onde vivem os alunos. Assim, eles têm condições de escolher se permanecem ou não na zona rural (MONICA MOLINA, entrevista a nova Escola, 2015)

Já tendo como base Souza e Melo (2013), historicamente a educação para o meio rural em nosso país sempre veio tratada sem a devida atenção, relegada a planos inferiores e considerada menos importante do que a educação oferecida nos centros urbanos.

Com isso, após levantamento de estatísticas que envolvem o campo e sua relação com a educação, observa-se é que a população do campo vem sendo ignorada quando se trata de educação e outros direitos. As poucas escolas presentes no meio rural são precárias e insuficientes para as reais necessidades dos estudantes, assim como inúmeros estudos e pesquisas tem apontado. Esse cenário retoma a conjuntura instaurada no país desde a colonização brasileira. Essa baseada num modelo fundiário que preconizava o acúmulo de terra na mão de poucos e a conseqüente exploração da força de trabalho dos trabalhadores do campo. A negação dos direitos sociais desses trabalhadores gerou uma enorme dívida social, especialmente na área da educação. De acordo com Leite (1999)

A educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade” (Souza e Melo, 2013 p. 14).

Assim, a educação em áreas rurais tem se caracterizado como um espaço de precariedade e de descasos, em virtude da má qualidade da oferta dos serviços necessários à cidadania da população campestre. Essa vulnerabilidade histórica em que os povos do campo se veem submetidos dá margem a um processo de exclusão social, não somente pela ineficiência do acesso à educação, mas também pela ausência de assistência adequada à saúde e condições de trabalho, entre outros direitos negados.

Ainda se faz necessário destacar que o modelo do desenvolvimento rural implantado aponta para uma concepção urbana, a qual entende o campo prioritariamente como um espaço de produção agrícola, quando, pelo contrário,

ele deve ser compreendido enquanto um território em que vivem os sujeitos do campo, como espaço representativo desses sujeitos, como espaço de vida, de trabalho, de cultura e de relações sociais (FERNANDES, 2006).

Quando se pensa o campo apenas como espaço de produção econômica, a educação é concebida com base em referenciais urbano-industriais, priorizando somente os aspectos instrumentais e técnicos necessários à manipulação do trabalho agrícola, ou seja, despreza a reflexão dos sujeitos em torno de sua cidadania e de sua identidade sociocultural.

2.2. Licenciatura em Educação do Campo LEdoC FUP-UnB

A Doutora em Educação Roseli Caldart, no livro *Por uma Educação do Campo* vem ressaltar a necessidade de identidade do povo do campo ao destacar a luta deste por políticas públicas que garantam seu direito a educação e, principalmente, que seja no campo, e para o campo.

Evidencia desta maneira como essa educação deve ocorrer vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.

Somos herdeiros e continuadores da luta histórica pela constituição da educação como seu direito universal, de todos: um direito humano, de cada pessoa em vista de seu desenvolvimento mais plena, e um direito social, de cidadania ou de participação mais crítica e ativa na dinâmica da sociedade. Como direito não pode ser tratada como serviço nem como política compensatória; muito menos como mercadoria (ROSLI CALDART, *Por uma Educação do Campo*, 2002)

Tal afirmação demonstra a preocupação do governo e da sociedade nesta busca de consolidação desta Educação em especial.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília está instalado na FUP – Faculdade da UnB de Planaltina. O mesmo funciona em regime de alternância e atende formandos egressos de comunidades tradicionais e vinculados a movimentos sociais. O curso tem uma infraestrutura muito importante, com um prédio de alojamentos para os alunos ficarem no tempo universidade, uma ciranda e um restaurante universitário.

O curso tem um público-alvo bem específico: moradores ou trabalhadores da área rural que queiram trabalhar como educadores nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. O interessado precisa gostar de atividades pedagógicas e de projetos comunitários.

1.2.1. Pedagogia da Alternância

João Batista em seu livro *Pedagogia da Alternância e Sustentabilidade* (2013) deixa claro que a discussão sobre a formação inicial e continuada do professor do campo contém uma história de luta e embate na conquista de seus direitos por uma educação de qualidade e que ultrapasse as fronteiras do urbano e alcance o campo. Essa luta tem suas raízes nos movimentos que lutaram por uma educação para além do rural, educação essa que estava formatada sob o signo do assistencialismo latifundiário, que reforçava a dominação assentada na prática da benemerência e a permanência da desigualdade do direito à terra.

Desta maneira, João afirma

Como campo de luta política, o movimento pela educação ganha maior significado, na medida em que esclarece o processo em que se estruturam e se constituem as representações de rural e de urbano em nossa sociedade, o qual não pode ser

separado da luta pelo espaço. Nosso entendimento caminha no sentido de compreender o processo geral de formação da sociedade que ganha concretude econômica, política e social, como sendo este que constitui e dá vida à educação.(JOÃO BATISTA, 2013)

Segundo Marlene Ribeiro (2008), a Pedagogia da Alternância é uma alternativa metodológica de formação profissional agrícola de nível técnico para jovens, inicialmente do sexo masculino, filhos de camponeses que perderam o interesse pelo ensino regular porque este se distanciava totalmente da vida e do trabalho camponês.

Do mesmo modo que o tema educação rural/do campo, a Pedagogia da Alternância é uma expressão polissêmica que guarda elementos comuns, mas que se concretiza de diferentes formas: conforme os sujeitos que as assumem, as regiões onde acontecem as experiências, as condições que permitem ou limitam e até impedem a sua realização e as concepções teóricas que alicerçam suas práticas. Com esse cuidado e de modo amplo, pode-se dizer que a Pedagogia da Alternância tem o trabalho produtivo como princípio de uma formação humanista que articula dialeticamente ensino formal e trabalho produtivo. (RIBEIRO, 2008).

As experiências de Pedagogia da Alternância, imbricadas nesses movimentos sociais populares, parecem sinalizar para um novo projeto de sociedade e de educação. Como um broto minúsculo e com muito esforço, este novo luta para romper por dentro da velha árvore que se constitui na sociedade e educação burguesas. Assim, se configura, para nós, educadores-pesquisadores, o desafio de analisar as potencialidades e as limitações dessas experiências para a construção de um projeto democrático-popular de sociedade e de educação, buscando averiguar suas contribuições nas áreas de currículo, estágio, formação de professores, entre outras. Há necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a Pedagogia da Alternância, também porque esta começa a ser adotada em alguns países como a França, a Suécia e o Canadá, como política pública de formação em tempos/espços alternados de educação formal e de trabalho em empresas, numa forma de estágio orientado e remunerado (LAVAL, 2004; PINEAU, 2002; LAMBERT, 2002; DUFFAURE, 1985) apud (RIBEIRO, 2008).

1.2.2. Ciranda

A ciranda foi criada através dos movimentos dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) nos assentamentos e acampamentos, ciranda permanentes e itinerantes, dos processos organizativos, onde as mães deixam suas crianças de 8 meses de idade a 5 anos,

com os cirandeiros (as) para que as mães possam participar de outros setores de trabalhos como trabalhar, estudar e etc. O coletivo funciona como oportunidade e solidariedade para a transformação social e emancipação da mulher. Na LEdoC a ciranda funciona de 8 às 12 e das 14 às 18h, cerca de 10 cirandeiros (estagiários e participantes de projetos), esses estagiários participam de estudos de psicopedagogia infantil ,com ensino médio e graduandos, onde há planejamentos de atividades pedagógicas e com relatórios diários e acompanhamento do desenvolvimento das crianças .

A Ciranda localiza-se junto ao alojamento da FUP-UNB Planaltina com brinquedos e materiais pedagógicos, infantis livros didáticos, com uma coordenadora responsável pelo projeto a Eliete Wolf Àvila, e coordenadores específicos da ciranda, um responsável diretamente pela ciranda, e os coordenadores por turma que auxiliam no processo, com reuniões, envolvimento coletivo e dialogicidade.

Algumas crianças chegam com algumas dificuldades, e com a vivência, relações e atividades, desenvolvem habilidades, aprendendo a conviver em coletivo.



Foto 2. Crianças na ciranda¹⁰

¹⁰ Foto. Acervo da autora.



Foto 3: Interior da sala onde está instalada a ciranda¹¹.



Foto 4. Acervo com material pedagógico disponível na ciranda¹².

¹¹ Foto. Acervo da autora.

¹² Foto acervo da autora.



Foto 5. Crianças em atividade na ciranda¹³

1.3. Educação Quilombola

A Educação Quilombola segue as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, que por sua vez segue as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

De acordo com tais Diretrizes (BRASIL, 2013), a Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e culturas, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (p. 42)

Orienta-se, também, pelas deliberações da Conferência Nacional de Educação (CONAE, 2010). De acordo com o documento final da conferência, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão:

- a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a

¹³ Foto acervo da autora.

geografia local. c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo. d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados. e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas. f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização. g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica. h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas. (CONAE, 2010, p. 132) *apud* (BRASIL, 2013, P. 425-6).

Observado o disposto na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004, e pelo Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, os quilombolas são considerados comunidades e povos tradicionais. Isso porque são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuidores de formas próprias de organização social, utilizam conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, são ocupantes e usuários de territórios e recursos naturais como condição à sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. (BRASIL, 2013).

Além disso, de acordo com o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 e com o Decreto nº 6.040/2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, os quilombolas reproduzem sua existência nos territórios tradicionais, os quais são considerados como aqueles onde vivem comunidades quilombolas, povos indígenas, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, faxinalenses¹ e comunidades de fundo de pasto, dentre outros, e necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, territórios esses utilizados de forma permanente ou temporária. (BRASIL, 2013).

A educação quilombola é compreendida como um processo amplo - que inclui a família, a convivência com os outros, as relações de trabalho e com o sagrado e as vivências nas escolas, nos movimentos sociais e em outras organizações da comunidade. Assim, compreende-se a educação como um processo que faz parte da humanidade e está

presente em toda e qualquer sociedade, e a escolarização é um recorte do processo educativo mais amplo¹⁴.

Na perspectiva da escolarização quilombola existe pouca informação oficial sobre as taxas de escolaridade, evasão e aproveitamento, ou seja, indicadores sobre a educação em comunidades quilombolas. Porém é possível afirmar - a partir da relação com as organizações quilombolas -, que na maioria das comunidades falta escola, e as que existem funcionaram precariamente durante muitos anos. Há que se registrar alguns avanços na realidade atual, porém muito ainda há que se fazer para esse melhoramento na área educacional do povo quilombola¹⁵.

:

¹⁴ Fonte: Centro de Cultura Luiz Freire - Aldenice Teixeira Instituto Sumaúma - Maria das Dores Barros. <http://www.dhnet.org.br/>. Acesso 06-dez-2015.

¹⁵ Fonte: Centro de Cultura Luiz Freire - Aldenice Teixeira Instituto Sumaúma - Maria das Dores Barros. <http://www.dhnet.org.br/>. Acesso 06-dez-2015.

CAPÍTULO III

SABERES TRADICIONAIS KALUNGA: AS BENZEDEIRAS E OS BENZIMENTOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

É sabido que os mitos, as crenças, matizados por acervo religioso, histórico e, muita vez, imaginário, eram transmitidos via oralidade, ratificando, desta feita, o estabelecimento de uma tradição. A perpetuação desta, sua presentificação e/ou cristalização no imaginário coletivo, divulgada através da oralidade, encontrará, pois, veículo poderoso nos textos literários, asseverando a estreita relação entre história e literatura.

As narrativas orais, ouvidas dos velhos, não podem ser percebidas como invenções particulares, uma vez que mesmo se configurando como histórias pessoais, são influenciadas, incontestavelmente, pela voz narradora, seu meio de interação, suas ordens morais, sociais e outros aspectos que tais.

É lícito dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade. Nesse sentido as benzedeadas e pessoas mais idosas da Comunidade Kalunga detêm da função de nos relatar histórias marcadas por visões de mundo próprias e peculiares, transcendendo a memória individual, sendo a memória sempre coletiva e, portanto, social, formada, como se quer reiterar, na esteira do grupo a que pertence.

3.1. Saberes Tradicionais Kalunga

Suçã: A suçã é uma dança sagrada, ela é mais usada para pagar promessas e só é tocada nos momentos certos como, por exemplo, na subida e nas descidas de mastros, ou quando chega a hora de pagar a promessa que foi feita. Às vezes, os homens participam, mas em geral a suçã é dançada pelas mulheres num ritmo alucinante de batuque: Elas rodopiam os pés mal tocando ao chão; equilibram garrafas nas cabeças e coçam se uma a outra, batendo nas bruacas e palmas, gritando e cantando.

Excerto 1.

Oh menina o que você tem? Maribondo, sinhá, maribondo sinhá. É hoje, é hoje que a paia da cana voa É hoje que, É hoje que ela tem de avoar. Rainha de ouro, de ouro só Esse rei é de ouro, de ouro só
--

Osála de vadiá varanda Osála de vadiávaranda.
--

Folia: A folia é uma tradição cultural regional dentro da comunidade. Ela é organizada pelo encarregado que solta a folia onde ele é preciso convidar os foliões e, para acontecer a folia, tem que ter no mínimo seis pessoas que são o cacheiro, o guia, o alferes da bandeira, o guia da viola, o contra guia e os demais que formam o terno (grupo).

Após essa organização vem a reunião da folia com pessoas de vários locais, até mesmo parentes que moram na cidade para compartilharem esse momento. No dia seguinte é a saída da folia que dura no mínimo oito dias, passando de casa por casa, levando a imagem do santo como a representação dos deuses. Em cada casa recebem lanches e bebidas, tais como, bolos feitos de tapioca tirada da mandioca, bolachas, sucos, café e a pinga que não pode faltar. Em cada casa que chegam, eles fazem o canto que é o mesmo em todas as casas, quando as famílias dão esmolas ao santo e em seguida é servido o lanche elaborado naquele momento do dia. Antes eles marcam os lugares onde os foliões vão almoçar e pousar, pra quando chegarem, já esteja pronto, e depois acontecem as curraleiras (músicas) com rodapés e rimas que são muito engraçadas.

Há também alguns momentos marcantes, como pude observar em uma folia que acompanhei no mês de outubro (2015), quando um membro do grupo tinha falecido recentemente, os colegas do grupo realizaram uma curraleira em homenagem a ele e todos se emocionaram. Em seguida montaram nos cavalos e os donos da casa beijaram a bandeira, se despediram e foram embora para outras casas, até chegar à casa onde acontece o almoço.

Eles almoçam, depois cantam o bendito de mesa, que é uma forma de agradecer à família. A pós o almoço vão tomar banho e não podem trocar a roupa durante esses dias de giro; e descansam para girar em outras casas, até chegar ao pouso programado. Então eles comem, cantam as curraleiras e dormem. No outro dia tomam o café, se despedem e vão embora. Tudo isso acontece até chegar o dia do arremate (recolhida). Nesse dia o encarregado enfeita a casa e faz um jardim com pés de bananeiras e enfeitam com petas e fazem cantos e jantam. Então as rezadeiras e rezadores se sentam no chão e começam a rezar. Logo após a reza, começam a se arrumar para dançar e beber até o dia amanhecer.

Excerto 2. Rodapé

Minha mãe caiu os dentes de tanto morder meu pai
O limoeiro baixa rama que eu quero panhar limão

Excerto 3: Canto de folia de nossa senhora do Rosário

Oi da nossa casa saimo
E acompanhano essa bandeira
E qui nela vei retratado
Oi a nossa mãe verdadeira
Oi a nossa mãe verdadeira
Bem de longe vei ouvi fazer uma saudação
Essa família reunida e reuni os coração
Para receber o canto e pra receber a bença
E dessa verdadeira santa
E quem se cobre com a bandeira
É dessa pura divindade é que ela nos abençoa
E pra pagar na internidade
E os anjos canto na gloria e canta na terra também
E o pai espirito santo e nas horas de deus amém.



Foto 6. Folia de Santo Antonio na contenda¹⁶

Excerto 4: Cantiga de folia

¹⁶ Foto Mari baiocchi (1984).

Oh menina o que você tem?
Maribondo, sinhá, maribondo sinhá.
É hoje, é hoje que a paia da cana voa
É hoje que, É hoje que ela tem de avoar.
Rainha de ouro, de ouro só
Esse rei é de ouro, de ouro só
Osála de vadiá varanda
Osála de vadiá varanda.

3.2. As(os) Benzedoras(os), as Rezas e os Benzimentos na comunidade Tinguizal

A reza é um dos principais elementos da cultura tradicional Kalunga que é mais valorizada. São momentos onde as famílias e amigos se reúnem para louvar a Deus e o santo do dia. Geralmente a reza só é praticada pelos senhores mais velhos porque os novos não querem aprender por vergonha das suas origens. Sempre os mais velhos indagam como é que vão fazer daqui alguns anos quando eles morrerem? Os mais novos não querem aprender e acham que não precisam.

3.1.1. Reza

No momento da reza o dono da casa convida as pessoas com antecedência. Preparam a comida, matam vacas para o dia. As mulheres preparam toda a comida e servem no momento da reza. Os rezadores avisam que a reza está começando e a reza é feita na sala onde homens e mulheres se sentam em bancos e no couro da vaca que é colocado no chão. Geralmente de início começam com a ladainha que é uma reza muito difícil. Algumas pessoas começam e outras respondem e assim por diante. No final eles convidam as pessoas para (beijar), se ajoelhar e agradecer por aquele momento religioso e em seguida comemoram com foguetes e com gritos: Viva o santo do dia!

3.2.1. Benzedora(o)s

Benzedor, *Curador* ou simplesmente *Rezador* é uma atividade, muitas vezes considerada [curandeirismo](#), destinada a [curar](#) uma pessoa doente, aplicando sobre ela gestos, em geral acompanhados por alguma erva com pretensos poderes sobrenaturais, ao

tempo em que se aplica uma [prece](#). Constitui-se num importante elemento da cultura popular do [Brasil](#), e tem suas origens no [sincretismo religioso](#)¹⁷.

Um estudo sobre tais práticas tanto pode ser realizado nos parâmetros da [antropologia médica](#) ou no âmbito da [parapsicologia](#) e estudos da religião e [cura pela fé](#). Em ambos os casos a maioria das pesquisas referem-se a estudos específicos de casos de cura ou descrição dos [curadores](#) com suas respectivas crenças (com detalhadas descrições das rezas e plantas utilizadas) e/ou os itinerários terapêuticos e percepção dos "pacientes" sobre a doença e tratamento.

3.2.2. Rezas e Benzimentos

Como o foco desta pesquisa se concentra em enfatizar acerca das contribuições e dos saberes tradicionais na educação, considerada em seu teor emancipatório (FREIRE, 1997) logo se pode pensar de que forma esses saberes, tais como, rezas e benzimentos, podem ser utilizados na educação, principalmente nos territórios camponeses e quilombolas.

De que forma isso pode contribuir para o ato de educar? Muitos acreditam que tais saberes são desprovidos de qualquer forma de enriquecimento escolar. Porém, se nos voltarmos para a aquisição e a formação histórica destes saberes, notificamo-nos que muitos têm e podem ser atribuídos na construção de ensinar a nossa história, nosso passado, e nossa atualidade, uma forma de proporcionar às nossas crianças o conhecimento e os saberes advindos dos nossos ancestrais, na construção da cultura quilombola da comunidade Kalunga.

As manifestações culturais do povo Kalunga são visíveis nos seus eventos festivos e religiosos, sendo um processo histórico, advindo de gerações. Transmitidas de pais para filhos, as benzedeadas e suas rezas, são repletas de significados, são visíveis nas festividades, quando acontecem as devoções aos santos, representando assim sua fé, através de rezas e benzimentos¹⁸.

Para a comunidade, as rezas são formas convenientes de agradecer a Deus, um modo de expressar agradecimento pela vida. Para os moradores da comunidade “o momento das rezas sempre foi e é tratado como muito respeito e fé, e é considerado como um momento solene e sagrado pela comunidade. Naquele momento a pessoa louva, pede graças e agradece aos santos do dia” (ROSA, 2013, p. 26).

¹⁷ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Benzedor>. Acesso 06-dez-2015.

¹⁸ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Benzedor>. Acesso 06-dez-2015.

Com efeito, este saber tradicional é visível e presente nas manifestações culturais relativas às festividades da região, na consagração aos santos, quando é possível perceber como ocorrem ladainhas e rezas, tais como a romaria, conceituada como “conjunto dos momentos religiosos e festivos, por meio do qual a comunidade se organiza em um determinado espaço durante uma semana, em uma espécie de peregrinação religiosa” (ROSA, 2013, p. 29). Ainda nesta ressalva, a autora descreve romaria como:

Uma das principais riquezas culturais herdadas dos antepassados que se refugiaram por muitos anos naqueles vãos. É um momento de referência, na tradição religiosa do povo do Vão de Almas, pois eles produzem o seu jeito próprio de organizar, produzir e desenvolver as Romarias. Nelas podem ser identificados além das rezas, os batizados em casa, casamentos na fogueira, levantamento de Mastros aos santos de devoção, Impérios, novenas e outras atividades (ROSA, 2013, p. 29).

A importância de rezas e benzimentos, no quesito educação, está no fato de serem estes saberes uma herança africana, caracterizados como manifestações trazidas na travessia do continente africano, uma vez que tais saberes são impregnados de contexto religioso e sagrado, conforme é visível na cultura africana.

Os saberes tradicionais são manifestos visíveis nas diversas festas realizadas nos agrupamentos da comunidade, festividades estas percebidas nas festas de Santos Reis, Santo Antônio, São João, Senhora das Neves, Senhora D’Abadia, Senhora do Livramento, Senhora de Sant’Anna, Senhora do Rosário, Santa Luzia, São Simão, São Sebastião, Divino Espírito Santo, São Gonçalo do Amarante e Senhora de Aparecida. Ademais, estes saberes são visíveis no dia a dia, na realização de curas por meios das ações das benzedeiras.

Segundo Rosa (2013):

O benzimento é uma linguagem oral e gestual com a qual as pessoas, detentoras de saberes e de poderes especiais, expulsam as forças que perturbam a vida harmoniosa do ser humano. Benzer é simplesmente garantir o funcionamento da normalidade desejada e conter o mal. No benzimentos quatro elementos são essenciais: o benzedor, o benzido, o rito e a utilização dos elementos naturais. Essa prática pode ser realizada tanto por homens quanto por mulheres, mas quem mais benze na comunidade Vão de Almas são os homens. Para exercer esse ritual é necessário ter uma memória fértil para guardar na cabeça palavras e gestos de benzer. Utiliza-se a repetição da palavra e de “benzenção” pelo menos três vezes por semana. É também naturalmente, invocado nomes de alguns santos (ROSA, 2013, p. 42). (Aspas da autora).

Com base no conhecimento da sabedoria popular e tradicional visível na comunidade Kalunga, busco, nesta pesquisa, enfatizar os mesmos como contribuição para

a Educação do Campo, pois se sabe que a ideologia desta educação está na diversidade de ensino, proporcionando recursos e argumentos que potencializem a educação quilombola a partir do seu contexto e história de vida. Conforme ressalta Santos (2014):

A luta principal de educação do campo tem sido por políticas públicas que garantam o direito da população do e no campo; as pessoas tem o direito a ser educadas no lugar onde vivem; do; as pessoas têm direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação vinculada sua cultura e seus saberes e as suas necessidades humanas e sociais dos camponeses (SANTOS, 2014, p. 28).

Conforme afirmações anteriores, pretende-se com esta pesquisa, identificar e registrar, além de promover o conhecimento e a valorização dos saberes tradicionais pertinentes à comunidade Kalunga, como também potencializar tais práticas como tema de conceito educacional, uma vez que, as mesmas transmitem o saberes que podem ser transmitidos por meio do ensino, pois de acordo com a LDB nº 9394/96:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB)

Mediante a este artigo da atual LDB, é possível afirmar que as práticas populares da comunidade se discernem como ações desenvolvidas no seio familiar e nas manifestações populares, e através da educação do campo, são atribuídos pelo conhecimento dos saberes populares advindos das práticas religiosas, sendo possível assim, discernir a caracterização da comunidade quilombola. Dessa forma, ressalto que a escola do campo na comunidade pode se descrever como alicerce que define estratégias que fortalecem e valorizam tais saberes, considerando-os como importantes registros históricos para o conhecimento da identidade quilombola presente na comunidade.

Excerto 5 – Entrevistado 1.

NOME: Anselmo Pereira Dias

IDADE: 82

SEXO: Masculino



Foto 4: Senhor Anselmo Dias Pereira: Benzedor e morador Kalunga

1. Quando o Senhor percebeu que tem o Dom de curar pela Reza?

R: Foi pro causa que meu pai sabia e me insinó;

2. Qual era sua idade quando fez o primeiro Benzimento?

R: Ieu num lembro muinto não mas quando fiz o premero binzimento i eu era rapaizin;

3. Sua família tem mais alguém com esse Dom?

R: Só meu pai;

4. Quais são os tipos de doença que o Senhor aplica a Reza?

R: Ofindido de bichuruin e quebront só qui quebronti eu isquici;

5. O Senhor atende somente doenças físicas ou atende também doenças espirituais, por exemplo, depressão, nervosismo, etc.?

R: Não esses trabaio aiieu num faço não;

6. Quais são as rezas utilizadas no ato do Benzimento?

R: Reza pra ofendido de bichuruin;

Boa vista me pareça,
Boa nova vou lidar,
Vou benzer de bichuruin,
Pra deus me visitar
Que quiieu benzo?
Vô benzer de bichuruin
De zói de cobra deus oia
Lamaica ,cedaia e sabatina .

7. São utilizados algum tipo de remédio, por exemplo, alguma planta medicinal, chá, etc.?

R Bom ieu benzo com gaio de pimenta pru quê eli é o mais miô pra benzer, quando ieu benzia de quebrontieiu usava a bassurinha;

8. O Senhor usa palavras, colocam as mãos no doente ou qualquer outro procedimento

como ramo de alguma planta durante o Benzimento?

R: Ieu uso muinto a foia de pimenta e num prciso nem pegar na pessoa;

9. Tem alguma reza específica, dependendo da idade do doente, por exemplo, para crianças é uma reza e ara adultos outra, ou são as mesmas?

R: Não num tem nenhuma reza deferenti as dos grandes é as merma dos pequeno;

10. O Senhor volta algum tempo depois à casa do doente para verificar se ele melhorou?

R: aquiias pessoa qui vem inte minha casa pru que ieu num ando sozimmaispru que to cego ai quando prcisa es volta

11. O Senhor cobra para fazer um Benzimento?

R: Não ieu num cobro de jeito nimhum se deus me deu esse dom inton é pru que tenho qui fazer o bem.

12. O Senhor, se convidado, iria à escola fazer uma palestra para os alunossobre a sua profissão?

NÃO (X)

EXPLIQUE A RESPOSTA: não pru que ieu num to guentando muinto caminhar ieu cego num da pra caminhar por ai não.

Excerto 6. Entrevistado 2.

NOME: Deusdete da Silva Santiago

IDADE: 42 anos

SEXO: Masculino



Foto 5: Senhor Deusdete: Benzedor e morador do Tinguizal

1. Quando o Senhor percebeu que tem o Dom de curar pela Reza?

R: Ieu prindi com minha mãe que benze de um bucado de coisa;

2. Qual era sua idade quando fez o primeiro Benzimento?

R: Ieu prindi assim qu iieu casei, eu tinha meno de 18 ano e meus minino era ieu mermo quibinzia;

3. Na sua família tem mais alguém com esse Dom?

R: Ni minha famia é muito que sabe benzer, nois numca benzeu um minino pra ele num ficar bom;

4. Quais são os tipos de doença que o Senhor aplica a Reza?

R: Ieu benzo de quebronti, zói ruim e mãe do coipo

5. O Senhor atende somente doenças físicas ou atende também doenças espirituais, por exemplo, depressão, nervosismo, etc.?

R: Esses dai num sei não, quando sintimo isso ai nois vai pro hospital

6. Quais são as rezas utilizadas no ato do Benzimento?

1. Levantar a mãe do coipo

Três areias do mar
Três praia de natar
Mãe do coipo pricura so lugar
Três areias do mar
Três praia de natar
Mãe do coipo pricura so lugar
Três areias do mar
Três praia de natar
Mãe do coipo pricura so lugar

2. Benzimento de quebronte

Minin oce tinha quebront?
Pru que o ce num me dizia?
Eu te benzo com eiva do campo e a virgem Maria

3. Benzimento de zói ruim

Jesus cristo que ti ingerou
Jesus cristo que ti criou
Jesus cristo que ti livra desse zói ruim que ti oiou

7. São utilizados algum tipo de remédio, por exemplo, alguma planta medicinal, chá, etc.?

R: Ieu gosto muito de dar alguns remeidinhos chá de hortelãozim, sumo de bassorina, foia de puejo esses reméidio ai são os que nois mais da pros mininos pequenos que serve pra (febre quebronte , gripe e ora otas coisa). Mas os grandes os remeidios é diferente nois damo é sumo de agudão, sumo de pacari (pra sarar e tirar infecção)e prus bichu ruin nois marra cordão benzido pra não pegar zói;

8. O Senhor usa palavras, coloca as mãos no doente ou qualquer outro procedimento como ramo de alguma planta durante o Benzimento?

R: Ieu mermo costume pegar quando eu benzo e uso ramo de pimenta, ramo de bassourinha mas pra benzer pode ser qualquer ramo o qui importa é a fé de quem benze

9. Tem alguma reza específica, dependendo da idade do doente, por exemplo, para crianças é uma reza e ara adultos outra, ou são as mesmas?

R: São diferente pru que os minino da quebront, dor de barriga e os grande num da né,

mais outras coisa é as mermas;

10. O Senhor volta algum tempo depois à casa do doente para verificar se ele melhorou?

R: Aqui muintas das vezes as pessoa é que vem mais quando precisa eu volto na casa des;

11. O Senhor cobra para fazer um Benzimento?

R: Não ieu num cobro não;

12. O Senhor, se convidado, iria à escola fazer uma palestra para os alunos sobre a sua profissão?

NÃO (X)

EXPLIQUE A RESPOSTA: _Não ieu num vou pru que ieu num tenho tempo pra ir não e minha muié ta viajando e ieu que to com os mininos7;

Excerto 7. Entrevistado 3.

NOME: Laurindo dos santos Rosa

IDADE: 80 anos

SEXO: Masculino

1. Quando o Senhor percebeu que tem o Dom de curar pela Reza?

R: Ieu num prindi rezar e benzer sozim eu prindi com meu pai e minha mãe inton foi através deles que prindi;

2. Qual era sua idade quando fez o primeiro Benzimento?

R: Ieu ainda era muito novo tinha uns 14 ano ieu acho;

3. Na sua família tem mais alguém com esse Dom?

R: Tem meu pai minha mãe e os pais de minha mãe;

4. Quais são os tipos de doença que o Senhor aplicam a Reza?

R: Ieu benzo pra dor de barriga e a ladainha que é uma reza muito forte qui so ieu é procopa que sabemo rezar e ela seve ate quando ta com chuva ventania truvão e relampo;

5. O Senhor atende somente doenças físicas ou atende também doenças espirituais, por exemplo, depressão, nervosismo, etc.?

R: Não disso ai ieu num intendo não;

6. Quais são as rezas utilizadas no ato do Benzimento?

1. Dor de barriga

Corre agua, corre dia, corre de noite e corre de dia ,aqui passou um fiel da virgem Maria curano essa dor de barriga; AveMaria cheia de graça senhor é convosco, bendito sas voz bendito o fruto soltu u vento e bate a mãona barriga da criança três vez.

Quando o minino ta com dor de barriga enquanto ta pegano o peito num pode benzer pru que ara (aumenta)mais

2. Ladainha

Cria elezano, cristo elezano de nós ,pátria de celes deus , filo do rebentor da mãe de deus

espírito santo é deus ,santa trina consol em deus ,Santa Maria ,Santa Degen em triste, Santa Viga o Viga , MateréCristimartin por isso, Martin in Cartissi, Martin in Divina Graça, Martin in Violata , Matarémati, Mati in dimirate , Mati em criatori, mati em salvatori viga o punditisse , Viga o venerano, Viga o pé de Caíndia , Viga o pótrio , Viga o creme , Viga Fidelia espeque na justiça de sapiença, Casa nova estrela triste vois espiritual, voishonoral siga devocianovois é a misti todo da virgi todo debus dorme nus aru sede lizarca estrela matutina solo disinfemoso, refugio nu precatoreo consolar os ofritrossiginocristionoro, rege no ojeloro , rege no patriarcado, rege na profetara, rege no pustuloro ,rege no confessoro, regi na mate, regi na virgem ,rege na santa Aruana maculada conceicianasacatissa com meu rusaruvamo que nus deus que tanto pecado é mundu. Salve rainha mãe da miséricordi vida de sura esperança nossa , deus nos salve a vos debradano e debradado filho de Eva suspiranogemeno e chorano deus te vale de lagrima ora pois senhora deus é advogada nossa , deus te ozolu misericordioso anozos depois a de Estevo senhora nos azia a morte a jesus seus zolu, vosso vento quelementopiodosoodoso sempre virgem Maria , lovano jesus por nois para que seu jarmundino é de alcançar promessa jesus cristo amém!

7. São utilizados algum tipo de remédio, por exemplo, alguma planta medicinal, chá, etc.?

R: Nois aqui acostuma da pra tomar é fuló de fedegoso e fuló de agudão (serve pra espremedeira em criança), Chá de hortelanzim e puejim (dor de barriga e gripe) sumo e bassurinha (serve pra dor de barriga);

8. O Senhor usa palavras, coloca as mãos no doente ou qualquer outro procedimento como ramo de alguma planta durante o Benzimento?

R: Ieu uso foia de pimenta e bassorinha i pego também nu duenti;

9. Tem alguma reza específica, dependendo da idade do doente, por exemplo, para crianças é uma reza e ara adultos outra, ou são as mesmas?

R: Dependendo das coisas as rezas são as merma, mais minino sempre senti mais é dor de barriga quebronti e os grande geralmente é dor de dente, arca caída, vento caído e etc, intao muda um pouco;

10. O Senhor volta algum tempo depois à casa do doente para verificar se ele melhorou?

R: Quando pricisa eu sempre volto e também sempre manda recado ai eu volto e eles também vem ni minha casa;

11. O Senhor cobra para fazer um Benzimento?

R: Não ieu num cobro não;

12. O Senhor, se convidado, iria à escola fazer uma palestra para os alunos sobre a sua profissão?

NÃO (X)

EXPLIQUE A RESPOSTA:

Não ieu num posso pru que eu estou ficando na cidade por que estou fazendo uns exames estou com problemas de saúde.

NOME: Jonas Rodriguês de Araújo

IDADE: 55anos

SEXO: Masculino

1. Quando a Senhor percebeu que tem o Dom de curar pela Reza?

R: Ieu prindi um pouco com meus pai qui quando era vivo eles binzia;

2. Qual era sua idade quando fez o primeiro Benzimento?

R: Meus pai mim ensinava desde pequeno mais fui praticar eu já tinha 17 anos;

3. Na sua família tem mais alguém com esse Dom?

R: Meus pais e minhas tias que eram profissional no benzimento;

4. Quais são os tipos de doença que a Senhora (ou o Senhor) aplicam a Reza?

R: Dor de dente, dor de cabeça, dor de cólica em crianças e etc.;

5. O Senhor atende somente doenças físicas ou atende também doenças espirituais, por exemplo, depressão, nervosismo, etc.?

R: Ieu já dei uns remédios pra pessoa com depressão e também rezo em pessoas espiritadas uma reza muito forte que chamo de pai em nosso piquenin ela é uma reza que se você não rezar ela do jeito certo a pessoa não conseguiu nem dormir a noite é reza de amansar qualquer espirito mal então ela não pode ser rezada atoa. Quando a pessoa esta espiritada eu benzo com tipi mas quando ta demoniado eu benzo com pião roxo e toda reza tem que ter a ave Maria, quem num sabe a ave maria num sabe de nada;

6. Quais são as rezas utilizadas no ato do Benzimento?

Obs. Seu Jonas não quis falar suas rezas por que segundo ele se ele me falasse então quando ele fosse fazer o benzimento aí não ia mais valer, o poder que ele tinha iria perder então não me disse. Seu Jonas diz que levanta a arca da pessoa de longe basta saber o nome e eu também benzo um cordão e mando pra pessoa ai ela melhora

7. São utilizados algum tipo de remédio, por exemplo, alguma planta medicinal, chá, etc.?

R: Uso ramos de pimenta malagueta, tipi, vassourinha, fedegoso e uso também o terço. Eu acostumo fazer chás e garrafadas com manacá, raiz de cansaço, suma, cainãna, perdiz e coãm, tudo isso serve para fazer banho de decarrego no corpo, inflamação de útero, próstata e também outras coisa. Uso também chá de carrapicho, chá de raiz de fedegoso, chá de hortelã, chá de puejo que serve pra dor de barriga ,congestão, febre e gripe esses remédio ai são pra criança;

8. O Senhor usa palavras, colocam as mãos no doente ou qualquer outro procedimento como ramo de alguma planta durante o Benzimento?

R :Sim eu benzo e coloco a mão na pessoa e uso também muitos ramos variados;

9. Tem alguma reza específica, dependendo da idade do doente, por exemplo, para crianças é uma reza e para adultos outra, ou são as mesmas?

R: As rezas são quase todas as mesmas só muda pra levantar a arca;

10. O Senhor volta algum tempo depois à casa do doente para verificar se ele melhorou?

R: Sim eu sempre volto pra dar umas oiadas;

11. O Senhor cobra para fazer um Benzimento?

R: Eu num cobro não mas si quiser me dar um agrade eu agradeço;

12. O Senhor se convidado, iria à escola fazer uma palestra para os alunos sobre a sua

profissão?

NÃO (X)

EXPLIQUE A RESPOSTA: Por que eu não sou muito de falar pra muita gente.

3.3. Contribuições dos Saberes Tradicionais para a Educação do Campo

Enquanto a Educação do Campo vem sendo criada pelos povos do campo, a educação rural é resultado de um projeto criado para a população do campo, de modo que os paradigmas projetam distintos territórios. Duas diferenças básicas desses paradigmas são os espaços onde são construídos e seus protagonistas. Por essas razões é que afirmamos a Educação do Campo como um novo paradigma que vem sendo construído por esses grupos sociais e que rompe com o paradigma da educação rural, cuja referência é a do produtivismo, ou seja, o campo somente como lugar da produção de mercadorias e não como espaço de vida. (Melo e Souza, 2013)

Assim sendo, as experiências construídas pelos movimentos camponeses e organizações correlatas, dimensionaram a ideia e o conceito de Educação do Campo, interagindo com as outras dimensões da vida do campo. Esse processo aconteceu com a participação de diversos movimentos que tiveram papéis de protagonismo no desenvolvimento de projetos de educação em todos os níveis.

Daí em diante, o Estado e os diversos governos não poderiam tratar a educação dos povos do campo da mesma forma como foi tratada por séculos. As formas precárias de gestão da educação rural foram possíveis no passado. Hoje o campo é outro, logo outras políticas e outra gestão se impõem. As formas de gestão da tradicional estrutura das escolas rurais foram ineficazes para a realidade daquele campo. Seriam totalmente ineficazes para dar conta dos avanços que estão acontecendo na sociedade brasileira como um todo e na especificidade das tensões humanas vividas. Modernizar, equipar, ou tentar tornar minimamente eficiente a velha estrutura de gestão e condução do velho sistema de ensino rural não poderia ser, desta forma, um assumir público e político do campo real que aí está a exigir outro tratamento político e público de seus direitos à educação. (Melo e Souza, 2013)

Se o campo é outro, as políticas públicas poderão ser as mesmas? Falar em política pública da Educação do Campo é equacionar novas posturas, novas estratégias,

novas diretrizes e, sobretudo novas bases capazes de alicerçar o que o velho tratamento nunca garantiu: a educação como direito dos povos do campo. (Melo e Souza, 2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa ficou claro que as práticas locais de rezas e benzimentos são elementos importantíssimos nos saberes tradicionais Kalunga e que eles ainda são vivenciados bastante pelos moradores da região.

A presente pesquisa me possibilitou a ter um olhar diferente sobre a esses saberes, pois não acreditava muito e não tinha muita fé no benzimento. O importante é ter fé e isso tem que ser transmitido para os jovens da comunidade para que essa tradição não morra.

No desenvolvimento do meu trabalho, na parte prática, foi possível observar que o benzimento como complexo, baseado na pesquisa realizada na comunidade o benzimento e as rezas são atos bastante comum entre os moradores e o mais importante é que as pessoas respeitam esses saberes. É uma pena é que os jovens estão negando suas origens por vergonha de demonstrar suas verdadeiras identidades.

A pesquisa foi construída com o intuito de identificar as contribuições das benzedoras da comunidade Kalunga Tinguizal para a Educação do Campo, enfatizando a representação das crenças e costumes quilombolas, e que estes podem ser utilizados nas práticas da Educação do Campo.

Em relação a pesquisa, foi utilizada bibliografias e pesquisas de campo para fortalecer as minhas ideias que estão presentes no texto e também para que alcançasse os meus objetivos.

REFERÊNCIAS

(BOTH e LOPES, 2009) (LEITE, 1999) (FREIRE, 1997) (FERNANDES, 2006)
(RIBEIRO, MARLENE 2008)

AGUIAR, Vinícius Gomes de. **Sítio histórico kalunga (GO):**Relevo e sua relação com o uso e a ocupação das terras. XI Congresso luso afro brasileiro afro de ciências sociais. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

COMLAB. **Diversidade e(des) Igualdades**. Salvador: UFBA,07-10 de agosto de 2011.disponível <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resoure>. Acesso 05-dez-2015.

COSTA, Vilmar Souza. **A luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. 2013. 75 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação no Campo).

EDUCAÇÃO DO CAMPO. Identidade e Políticas Públicas: Edgar Jorge Kolling; Paulo Ricrdo Cerioli; Rolsli Saldert Caldart. Brasília –DF, 2002

GARBINI, Laura; LOPES, Jane Ribeiro; ROLOFF, Andréa. **Estudo De Caso Etnográfico: Um Exercício De Análise Metodológica**. IX Congresso Nacional de Educação-EDUCERE- III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Paraná: PUCPR: 26-29 de outubro 2009.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Estudo de caso etnográfico. Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 25, n.2, p. 167-180, 2001. Disponível: <http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/03/pdf>. Acesso 06-dez-2015.

MELO & SOUZA (2013). EDUCAÇÃO DO CAMPO E O PROGRAMA ESCOLA ATIVA: ELEMENTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E PEDAGÓGICOS.
OLIVEIRA, Rachel de (coord.).**Uma história do povo Kalunga**. Brasília - DFMEC/SEF: 2001.

Pedagogia da alternância e sustentabilidade / organizadores, João Batista Begnami, Thierry De Burghgrave. – Orizona : UNEFAB, 2013. 279 p. : il. – (Coleção Agir e Pensar das EFAS do Brasil)

REVISTA NOVA ESCOLA. Janeiro , 2015

ROSA; Wanderleia Dos Santos **Rezas, Rezadeiras E Juventude Na Comunidade Vão De Almas, Cavalcante** – GO.Brasília .UNB/FUP/LEDOC: 201355 f.,il. Monografia (Licenciatura em Educação no Campo).

SANTOS; José Roberto Lima Dos **O Saber Popular Sobre As Plantas Medicinais E O Seu Significado Para A Educação Do Campo: Um Estudo No Assentamento Roseli**

Nunes. Brasília: UNB/FUP/LEDOC: 2014. 43 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação no Campo).